


INSTITUTO	
 Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DOU Sec 1
Data	13/09/95 Pg 14/38
Class.	IBD00003

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 88, DE 11 DE SETEMBRO DE 1995

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1592/95. Referência: Terra Indígena MASSACO. Interessado: Grupo indígena isolado. EMENTA: Aprova o relatório de delimitação da terra indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 22, de 04 de fevereiro de 1991.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em

vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/1592/95, e considerando o Parecer nº 86/DID/DAF/95, de autoria da Antropóloga Isa Maria Pacheco que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado Parecer para afinal, reconhecer os estudos e adequações à delimitação da Terra Indígena MASSACO, de ocupação de grupo tribal isolado, com a superfície e perímetro aprovados de 420.000 ha e 380 km respectivamente, localizada nos Municípios de Costa Marques e Alta Floresta do Oeste, Estado de Rondônia.
2. Determinar a publicação no DOU do Parecer, Memorial Descritivo e Despacho, na conformidade do Art. 2º, § 7º do Decreto nº 22/91.
3. Encaminhar o respectivo processo de demarcação ao Ministério da Justiça, acompanhado da Minuta de Portaria Declaratória, para a aprovação.

DINARTE NOBRE DE MADEIRO

PARECER Nº 86/DAF. DE 4 DE AGOSTO DE 1995

Proc FUNAI/BSB/Nº 1418/95. Denominação: Terra Indígena Massaco. Etnia: índios isolados, provavelmente Tupari ou Jabuti. Franço Linguístico: Tupi. Família lingüística: Tupi-Tupari ou Jabuti. População: desconhecida. Localização: Municípios de Costa Marques e Alta Floresta, RO. Situação Fundiária: Identificada pelo GT PP nº 820, de 14 de setembro de 1994, coordenado pela antropóloga Denise Maldí.

INTRODUÇÃO

Na Reserva Biológica do Guaporé existe uma grande quantidade de evidências recentes e incontestáveis sobre a presença de um grupo indígena isolado. Desde 1988, a FUNAI tem mantido uma equipe de localização dentro daquela reserva. Em consequência da atuação desta equipe, a reserva tem sido preservada da degradação ambiental que caracteriza o seu entorno. Para evitar o contato desastroso com os índios isolados, que aliás dão mostras claras de não querer qualquer contato, a FUNAI identificou, dentro dos limites da Reserva Biológica do Guaporé, a Terra Indígena Massaco, de que se trata a seguir.

DADOS ETNO-HISTÓRICOS SOBRE O GUAPORÉ

Pela grande quantidade de maricos (cestas confeccionadas com fibras de tucum) encontrados nos acampamentos dos índios isolados da Reserva do Guaporé, pode-se inferir que esses índios fazem parte do que a antropóloga Denise Maldí (1991) chama de "complexo cultural do marico". Tal complexo envolve uma série de povos pertencentes a *stocks* lingüísticos distintos. Assim, os Tupari, os Makurap, os Wayoró, os Sakirap e os Kooratira (esses dois últimos, conhecidos genericamente como Mequens) pertencem ao *stock* Tupi-Tupari. Os Aruá, ao *stock* Tupi Mondé. Os Jabuti formam uma família lingüística isolada envolvendo os Jabuti propriamente ditos e os Arikapu. Mas a despeito das disparidades lingüísticas, esses povos têm em comum uma cultura material que permite incluí-los no mesmo complexo cultural, que, além do marico, envolve a aspiração do pó de angico nos atos xamanísticos.

A penetração da região banhada pelos afluentes da margem esquerda do Guaporé remonta ao século XVII, quando a área passou a ser percorrida por várias expedições a procura de ouro e índios para escravizar. A seguir, estabeleceram-se os jesuítas, com um trabalho de catequese que durou 100 anos (1682-1767), tendo contato com o apoio da coroa espanhola, já que os índios "reduzidos" eram vistos como vassallos do rei de Espanha.

Quando os portugueses percorreram a área pela primeira vez, na primeira metade do século XVIII, espantaram-se com a organização e o tamanho da população das missões estabelecidas às margens do Guaporé. Iniciou-se então uma luta sem tréguas da administração colonial lusitana contra as missões do Guaporé. Em consequência, os espanhóis passaram a militarizar os postos missionários, o que resultou na evasão dos índios "reduzidos" para a margem direita - portuguesa - do Guaporé.


Os índios eram disputados sistematicamente por portugueses e espanhóis, já que o povoamento e a defesa do território dependiam amplamente das populações indígenas. Em função disto, a depopulação indígena na área foi considerável, envolvendo perdas, migrações e deslocamentos de sociedades inteiras.

Com o surgimento das novas nações, ao final do século XVIII, a área experimentou um processo de estagnação econômica, que só seria interrompido a partir de 1860, com a penetração do Rio Madeira, e logo a seguir, do Rio Guaporé, por seringueiros colombianos, durante o ciclo da borracha. Com isto, iniciou-se um rápido processo de contato com os povos Tupi do Guaporé, com os Jabuti e, mais tarde, a partir de 1910, com alguns povos de fala Txapakura, que na época habitavam a porção oeste da futura Reserva Biológica do Guaporé.

A partir de 1920, começa a penetração dos rios São Miguel, Branco e Colorado, cursos d'água que hoje definem os limites ou atravessam a Reserva Biológica do Guaporé. Com isto, foram atingidos os índios Wayoró, Makurap, Arikapu, Aruá, Jabuti e Mequens (Kooratira e Sakirap), que passaram a se retirar de suas áreas tradicionais devido à pressão a miúdo violenta dos seringueiros. Por volta de 1950, quase todos os índios mencionados estavam trabalhando regularmente nos seringais.

As evidências etno-históricas produzidas durante esse processo de contato permitem concluir que a área banhada pelos rios Branco, Colorado, Mequens e Corumbiara (os dois primeiros atravessam a Reserva Biológica) era habitat tradicional dos grupos Tupi-Tupari (Tupari, Wayoró, Makurap e Mequens), Tupi-Mondé (Aruá) e Jabuti (Arikapu e Jabuti). Esses povos formavam um complexo cultural único, ao oeste do qual encontrava-se um importante núcleo Txapakura, mais especificamente, no Rio São Miguel.

O contato atingiu esses povos de forma desigual, sendo bastante provável que alguns grupos tenham permanecido isolados, ou buscado isolamento voluntário, depois dos revezes que certamente sofreram com a chegada e com a inconstância das frentes de ocupação.

INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DJOU Sec 1
Data	13-09-95 Pg 1439
Class.	IBD000000

CARACTERIZAÇÃO DA RESERVA BIOLÓGICA DO GUAPORÉ

Criada pelo Decreto 87.587, de 20 de setembro de 1982, a Reserva Biológica do Guaporé tem uma área de 600.000 ha. Seus limites são, ao norte, a Área Indígena Rio Branco; ao sul, os rios Guaporé e São Simão; a leste, o igarapé Consuelo e o Rio Colorado; a oeste, o Rio São Miguel, afluente do Guaporé. Ela é atravessada pelos rios Branco e Massaco.

Um complexo de terras altas caracteriza grande parte da reserva, sobretudo nas porções norte e leste. As porções sul e oeste da reserva apresentam relevo plano, sendo áreas pantanosas que permanecem alagadas durante grande parte do ano. No complexo de terras elevadas, é importante mencionar a Serra do Colorado, especialmente uma parte dela denominada Serra da Tartaruga, local onde se encontra grande quantidade de acampamentos de índios isolados.

A vegetação ao norte e a leste é predominantemente florestal, havendo intrusões importantes de campos e cerrados a nordeste. A oeste e sul, predominam as matas inundáveis. Ao longo dos vários rios, que banham a região, predominam as matas de galeria.

A INVASÃO DA RESERVA BIOLÓGICA DO GUAPORÉ

Em virtude da exploração da borracha, a área da reserva foi ocupada com relativa intensidade pelos brancos, sobretudo ao longo do Rio Branco, desde o início do século até o final da Segunda Guerra Mundial. Após o término do conflito, os grandes seringais entraram em decadência e a área experimentou um período de estagnação econômica.

Um segundo período inicia-se no início dos anos 60, com a exploração da cassiterita e, logo a seguir, com a chegada maciça de imigrantes vindos do sul do país. A área foi sendo ocupada através de vários projetos de colonização, oficiais e privados. A invasão da Reserva Biológica do Guaporé começou em 1982, ano em que foi criada. Nos anos seguintes aumentou a presença de grileiros. Em 1983, começou o loteamento ilegal da reserva, seguindo-se, em 1986, o roubo de madeira, com instalação de serrarias no limite leste.

A partir de 1988, a FUNAI começou a atuar na região, com uma equipe de localização de índios isolados. A atuação desta equipe foi fundamental para a proteção da reserva, dado que passou a denunciar sistematicamente as ocupações ilegais, além de solicitar à direção do órgão a imediata caracterização da área como indígena.

A situação atual da reserva é frágil. É cercada de fazendas e projetos de colonização. Na área centro-norte, o desmatamento foi intenso. A oeste, especialmente no Rio São Miguel, há pesca predatória. Foi dentro deste quadro histórico de invasões que os índios isolados passaram a ser notificados.

A PRESENÇA DE ÍNDIOS ISOLADOS NA RESERVA BIOLÓGICA (NOTIFICAÇÕES CONTEMPORÂNEAS)

A violência dos seringueiros durante a primeira metade do século XX teve duas consequências: de um lado, a depopulação da maioria dos grupos que habitavam a área da atual Reserva Biológica; de outro, o isolamento voluntário de alguns grupos, que buscavam as cabeceiras dos rios para evitar o contato.

A primeira notícia de índios isolados na reserva data de 1982, quando da sua demarcação. A partir de então, seguiu-se uma série de notícias dadas por funcionários do IBDF (atual IBAMA), assim como por fazendeiros da região, moradores dos municípios vizinhos, seringueiros, índios Tupari e Makurap. Essas testemunhas indicam um conglomerado de serras encravadas no maciço formado pela Serra do Colorado como habitat de índios isolados.

Analisando os diferentes dados testemunhais, observa-se que os índios isolados foram notificados nos seguintes locais: em acampamentos ao longo do Igarapé Surubim, afluente do Rio Branco; em vários locais ao longo do Igarapé Sete Galhos, afluente do Rio Branco; nas imediações do Igarapé Anta Gorda, afluente do Colorado, dentro da Terra Indígena Rio Branco; em vários locais do Maciço do Colorado (Serra do Taquaral, Serra da Tartaruga e Serra João Antunes).

A ATUAÇÃO DA FUNAI NA RESERVA BIOLÓGICA

O trabalho da equipe de localização começou em 1988, quando a reserva já estava em franco processo de invasão por grileiros, posseiros, madeireiros e pescadores. Atestada, de forma inequívoca e irrefutável, a presença de índios isolados, e constatado o perigo que representavam para eles os invasores, a FUNAI optou por um trabalho de vigilância e fiscalização.

Em 1989, foi solicitada a interdição da reserva, mas o processo nunca foi levado adiante. De qualquer forma, a FUNAI manteve na área a equipe de localização, cuja trabalho, além de resultar numa acurada localização de acampamentos dos índios isolados, procedeu a uma contínua vigilância, que coibiu a presença dos invasores. O principal resultado da vigilância foi a expulsão de todos os grileiros e posseiros da reserva, em 1990.

De 1988 a 1992, a FUNAI localizou nada menos do que 35 acampamentos de índios isolados na reserva, fornecendo detalhes tais como a data em que o acampamento foi localizado, o lapso de tempo em que o acampamento foi ocupado pelos índios, o número de tapiris do acampamento, o material utilizado para edificar o tapiri, a área do acampamento, os objetos neles abandonados e os resíduos alimentares encontrados.


Alguns desses locais indicam reincidência de ocupação, o que indica que o grupo circula no interior da reserva como estratégia de sobrevivência. Há também vários indícios de concomitância de ocupação em acampamentos diferentes, o que indica que o grupo pode estar dividido em pequenos grupos familiares.

SUBSÍDIOS PARA UMA IDENTIFICAÇÃO ETNOGRÁFICA DOS ÍNDIOS ISOLADOS

Entre os objetos encontrados nos acampamentos localizados pela FUNAI, destacam-se os maricos e os arcos de tamanho notável (2,75 s 3,7 m). À luz dos dados etnohistóricos apresentados acima, podem-se considerar as seguintes possibilidades:

- * O grupo pode ser Tupi-Tupari, dado ser este um território tradicional dos Tupari.
- * O grupo pode ser Jabuti, dada a presença remota dos Jabuti na área.
- * O grupo pode ser Txapakura, embora com menos possibilidades, pois a região dos Txapakura se situava mais ao norte e, mais importante, os Txapakura não usavam maricos.

As duas primeiras possibilidades são mais plausíveis, dado que os Tupi-Tupari e os Jabuti, a despeito das profundas diferenças lingüísticas, partilham uma série de traços culturais, formando um complexo que torna homogênea a cultura dos povos do médio Guaporé.

INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DOU Sec 1
Data	13-09-95 Pg 14.139
Class.	IBD 000000

A TERRA INDÍGENA MASSACO

A primeira Portaria Ministerial de Interdição da Terra Indígena Massaco, que jamais foi assinada, foi elaborada a partir do Processo FUNAI/BSB/1.157/89 e propôs uma área de 315.000 ha, inclusa no perímetro da Reserva Biológica do Guaporé. Essa proposta, datada de 1991, tinha os seguintes limites: ao norte, a margem esquerda do Igarapé Sete Galhos, afluente do Rio Branco; ao sul, o Rio São Simão e a confluência do Massaco com o Colorado; a leste, o Rio Massaco; a oeste, o Rio Branco.

O limite leste está errado. Deriva de uma informação de má fé, segundo a qual o limite da Reserva Biológica era o Rio Massaco, quando, na verdade, é o Rio Colorado, desde suas cabeceiras até a foz. A informação de má fé pretendia excluir da reserva um trecho que já se encontrava invadido.

Para que a Terra Indígena Massaco seja definida nos seus reais limites, é preciso considerar o equívoco e estender o limite leste até o Rio Colorado, que é um dos principais marcos de ocupação indígena.

Além disso, é preciso considerar que a equipe de localização de índios isolados da FUNAI constatou a presença de acampamentos e áreas de uso na margem direita do Igarapé Sete Galhos, isto é, fora dos limites da Reserva Biológica, ao norte.

É preciso considerar, finalmente, a presença de uma comunidade Makurap, situada na margem direita do Rio Branco, que ficou fora da Terra Indígena Rio Branco. Como vimos anteriormente, os Makurap partilham o mesmo complexo cultural ao qual os índios isolados, sem dúvida, também pertencem. Isto justifica incluir a comunidade Makurap e seu entorno na Terra Indígena Massaco.

CONCLUSÕES

1. A área em questão é inequívoca e incontestavelmente uma área de ocupação tradicional indígena, sendo um dos territórios mais antigos de dispersão Tupi-Tupari.

2. Existe dentro da área um grupo que vem se mantendo voluntariamente isolado.

3. A atuação da equipe da FUNAI favoreceu a conservação da área. Dada a precariedade da presença do IBAMA, se a FUNAI não tivesse atuado na área, a mesma já teria sido seriamente depredada.

4. Recomenda-se fortemente que a área seja declarada como de ocupação indígena, considerando os limites corrigidos da proposta de 1991, conforme foram mencionados na seção acima.


5. A partir desses dados, a Terra Indígena Massaco deverá ter os seguintes limites:

- norte: margem esquerda do Igarapé sem nome, afluente da margem esquerda do Colorado (afluente do Branco) e os limites meridionais da Terra Indígena Rio Branco;
- sul: Rio Colorado (afluente do Guaporé), Rio São Simão;
- leste: cabeceiras do Igarapé Consuelo (afluente do Colorado) até a foz;
- oeste: Rio Bacabalzinho.

Em virtude dos interesses comuns entre a FUNAI e o IBAMA na proteção desta e de outras áreas, recomendamos a elaboração de um convênio de cooperação entre os dois órgãos com vistas à proteção do patrimônio indígena e ambiental.

Face ao perigo que correm os índios isolados da T. I. Massaco, recomendamos a imediata Declaração de Posse Indígena Permanente, para que se sigam as demais etapas da regularização fundiária desta terra indígena. Encaminhem-se os autos do processo ao Ministério da Justiça.

ISA MARIA PACHECO

INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DNU Sec. 1
Data	13-09-95 Pg 14-139
Class.	1000000

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

DENOMINAÇÃO
TERRA INDÍGENA MASSACO
LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: COSTA MARQUES E ALTA FLORESTA DO OESTE ESTADO: RONDÔNIA
UNIDADE REGIONAL: ADR PORTO VELHO

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE:	12°15'35" S	62°29'10" Wgr
LESTE:	12°38'23" S	62°11'07" Wgr
SUL:	12°51'52" S	62°36'59" Wgr
OESTE:	12°34'16" S	63°05'36" Wgr

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
MI - 1855 - 1856 - 1857 - 1909 - 1910/1961 - 1911	1:100.000	D S G	1977

DIMENSÕES

SUPERFÍCIE: 420.000 Ha (Quatrocentos e vinte mil hectares aproximadamente)
PERÍMETRO: 380 Km (Trezentos e oitenta quilômetros aproximadamente)

DESCRIÇÃO PERIMÉTRICA

NORTE: Partindo do Ponto 01 = SAT 01 da TI Rio Branco, de coordenadas geográficas 12°19'27,3" S e 62°51'12,0" Wgr., situado na confluência do Igarapé bandeira com o Rio Branco, segue por uma linha reta com azimute e distância de 134°29'59,8" e 23.381,06 metros, confrontando com o limite sudoeste da Terra Indígena Rio Branco, até o Ponto 02 = M-24 da TI Rio Branco de coordenadas geográficas 12°28'20,6" S e 62°41'59,9" Wgr.; daí, segue por uma linha reta com azimute e distância aproximados de 44°39'19,4" e 28.796,34 metros, confrontando com o limite sudoeste da Terra Indígena Rio Branco, até o Ponto 03 = SAT 02 da TI Rio Branco de coordenadas geográficas 12°17'14,0" S e 62°30'49,9" Wgr., situado na margem esquerda do Igarapé Sete Galhos; daí, segue por linha reta até o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 12°15'35" S e 62°29'10" Wgr., localizado na margem esquerda do Igarapé Colorado; daí, segue por este, a montante, até o Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 12°15'50" S e 62°28'10" Wgr., localizado na confluência com um igarapé sem denominação; daí, segue por este, a montante, até o Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas 12°18'10" S e 62°20'00" Wgr., localizado em sua cabeceira; daí, segue por linha reta até o Ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas 12°21'00" S e 62°19'25" Wgr., localizado na margem esquerda do Igarapé Sete Galhos; daí, segue por este, a montante, até o Ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas 12°20'26" S e 62°12'32" Wgr., localizado em uma de suas cabeceiras; segue por linha reta até o Ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas 12°20'02" S e 62°12'22" Wgr., localizado em uma das cabeceiras do Igarapé Consuelo. LESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo Igarapé Consuelo, a jusante, até o Ponto 10 de coordenadas geográficas aproximadas 12°38'23" S e 62°11'07" Wgr., localizado na confluência com o Rio Terebitó; daí, segue por este, a jusante, até o Ponto 11 de coordenadas geográficas aproximadas 12°40'20" S e 62°12'21" Wgr., localizado na confluência com o Rio Colorado. SUL: Do ponto antes descrito segue pelo Rio Colorado, a jusante, até o Ponto 12 de coordenadas geográficas aproximadas 12°51'52" S e 62°36'59" Wgr., localizado na confluência com o Rio Massaco; daí, segue por linha reta até o Ponto 13 de coordenadas geográficas aproximadas 12°40'29" S e 62°42'39" Wgr., localizado na margem direita do Rio Baía Rica ou São Simão; daí, segue por este, a jusante, até o Ponto 14 de coordenadas geográficas aproximadas 12°38'14" S e 62°58'04" Wgr., localizado na confluência com um igarapé sem denominação; daí, segue por linha reta até o Ponto 15 de coordenadas geográficas aproximadas 12°34'45" S e 63°04'40" Wgr., localizado na margem direita do Rio Branco; daí, segue por este, a jusante, até o Ponto 16 de coordenadas geográficas aproximadas 12°34'16" S e 63°05'36" Wgr., localizado na confluência com um paraná sem denominação. OESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo paraná sem denominação, a montante, até o Ponto 17 de coordenadas geográficas aproximadas 12°27'00" S e 63°01'30" Wgr., localizado na confluência com o Rio Branco; daí, segue por este, a montante, até o Ponto 01, início da presente descrição. Obs: Do Ponto 16 ao 01, a Terra Indígena MASSACO confronta com a Reserva Biológica do Guaporé, criada pelo Decreto nº 87.587/92. Técnico Responsável: LUIS CARLOS MARETTO. Engenheiro - CREA nº 804/D.

(Of. nº 218/95)